



Náira Gondar Marchesi

Doutoranda e Mestra em Estudos Estratégicos (PPGEST-UFF), bolsista CAPES e pesquisadora do Laboratório de Estudo da Grande Estratégia dos Estados Unidos (LAB-GEST/UFF/CNPq).

CLAUSEWITZ NEGLIGENCIOU A TECNOLOGIA? REVISITANDO A TEORIA DA GUERRA NA ERA DA GUERRA CONTEMPORÂNEA

DID CLAUSEWITZ OVERLOOK TECHNOLOGY? REVISITING THE THEORY OF WAR IN THE AGE OF CONTEMPORARY WARFARE

Resumo: Clausewitz esqueceu a Tecnologia? Este artigo investiga a teoria da guerra de Carl von Clausewitz e sua relação com os conflitos contemporâneos. Busca-se atualizar os Estudos Estratégicos estabelecendo um diálogo entre teoria clássica e as dinâmicas do século XXI, reforçando a centralidade da política como motor dos conflitos, mesmo em contextos de alta complexidade tecnológica. Recorrendo à história da guerra moderna – desde a formação de exércitos de massa no século XVII aos embates cibernéticos do século XXI – debate-se se a teoria clássica, formulada no contexto pós-Napoleônico, permanece válida para explicar fenômenos como a guerra híbrida, a ciber guerra e os conflitos assimétricos. Apoiando-se na proposta de Michael Handel (1989) de incluir a tecnologia como quarto pilar da trindade clausewitziana, questiona-se se a natureza da guerra sofreu transformações radicais ou se adaptou às inovações tecnológicas sem perder sua essência política. Para isso, examinam-se críticas de autores como Mary Kaldor (2013) e Martin van Creveld (1991), que defendem a obsolescência de Clausewitz ante a ascensão de atores não estatais e a desterritorialização dos conflitos. Conclui-se que, embora a tecnologia tenha reconfigurado táticas e instrumentos bélicos, a trindade (povo, governo, forças armadas) mantém sua validade como eixo explicativo, desde que reinterpretada à luz dos novos desafios estratégicos.

Palavras-chave: Tecnologia; Gerações da Guerra; Guerra Contemporânea; Clausewitz.

Abstract: Did Clausewitz Overlook Technology? The Relevance of Classical Theory in Contemporary Conflicts. This article examines the absence of technology in Carl von Clausewitz's theory of war and its applicability to contemporary conflicts. Through a historical analysis of modern warfare generations – from mass armies in the 17th century to 21st-century cyber warfare – the study debates whether the classical theory, formulated in the post-Napoleonic context, remains valid to explain phenomena such as hybrid warfare, cyber conflicts, and asymmetric engagements. Drawing on Michael Handel's (1989) proposal to include technology as a fourth pillar of the Clausewitzian trinity, the research questions whether the nature of war has undergone radical transformations or adapted to technological innovations without losing its political essence. Critiques from scholars like Mary Kaldor (2013) and Martin van Creveld (1991), who argue for Clausewitz's obsolescence in the face of non-state actors and deterritorialized conflicts, are critically examined. The conclusion asserts that while technology has reshaped military tactics and tools, the trinity (people, government, armed forces) retains its explanatory power, provided it is reinterpreted in light of new strategic challenges. The paper contributes to Strategic Studies by bridging classical theory and 21st-century dynamics, reaffirming politics as the core driver of conflicts, even in technologically complex scenarios.

Keywords: Technology; Generations of War; Contemporary Warfare; Clausewitz.

1 Introdução

Tendo em vista o alto impacto que as inovações tecnológicas têm sobre o fenômeno da guerra, busco neste trabalho fazer uma retrospectiva sobre as gerações da guerra moderna. Apesar dos avanços alcançados pela humanidade, o ambiente internacional continua anárquico e gerando incertezas e imprevisibilidade.

Diante do incerto futuro, uma certeza permanece: a constância do fenômeno da guerra. Aperfeiçoa-se o modo de fazê-la, contudo, a natureza do conflito permanece a mesma? Num mundo em que a própria academia não chegou em um consenso sobre as nomenclaturas das novas formas de guerrear ao longo da história, faz-se necessário maiores debates sobre a teoria da guerra e sua eficácia em explicar o conturbado momento presente. Diante disso, a teoria clássica apresentada por Clausewitz (1989) ainda permanece válida nessa nova era?

Os estudiosos¹ classificam o fenômeno da guerra segundo gerações. Contudo, diante da expressiva evolução tecnológica dos últimos séculos há uma simbiose entre essas gerações de guerras, que mesclam suas características de combate dificultando a identificação do inimigo por parte dos agentes estatais, os quais já não detém o monopólio do uso da força. Essa nova dinâmica de poder desequilibrou o sistema de forças internacionais centrado no Estado. Agora, eles estão sujeitos a ataques de simples indivíduos ou pequenos coletivos. A percepção de ameaça se modificou, bem como a amplitude de campos em que a guerra pode ser travada para além da tradicional: política, ideológica, econômica, psicológica, social e cibernética. Essa relação complexa dificulta a identificação e adequação dos meios a empregar. O Cel. Hammes (2007 *apud* Ruivo, 2017, p.11) aponta que a quarta geração exige “muito mais inteligência, análise e maior capacidade de disseminação para servir a um sistema de comando altamente flexível”.

O objetivo deste trabalho será responder se a teoria de Clausewitz permanece válida no decorrer das gerações da guerra, em que a tecnologia assume papel central. Para isso, avalia-se a proposta de Michael Handel (1989) em seu livro “War, Strategy and Intelligence” de incluir a tecnologia como quarto pilar da trindade clausewitziana.

¹ O conceito das gerações da guerra foi escrito primeiramente pelos autores William Lind e seus co-autores no trabalho: “*The Changing Face of War: Into The Fourth Generation* (1989). No ano de 2006 o conceito foi expandido por Thomas Hammes em seu livro: “*The Sling and The Stone*” (2004).

2 As Gerações da Guerra

Ao longo da história, o homem aprimorou suas habilidades melhorando seu desempenho em atividades elementares e elevando sua produtividade. Tudo graças ao instinto de sobrevivência, inerente ao homem, que sempre lutou para se manter vivo. A dinâmica da luta e do conflito também seguiu esse curso de aprimoramento, passando a se chamar de guerra, justamente pelo aperfeiçoamento das ferramentas empregadas e incremento quantitativo humano. O curso da história possibilita analisar a dinâmica da guerra segundo uma classificação de gerações.

A tipificação foi feita em trabalho conjunto entre Willian Sturgiss Lind e os coronéis Nightengale e Sutton, o tenente-coronel Gary I. Wilson e o capitão John F. Schmidt, que desenvolveram o trabalho: *“The Changing Face of War: Into The Fourth Generation”*. A publicação data de 1989 e apresentou as características da Guerra Moderna em gerações, cujos critérios envolvem arranjos de emprego do arsenal, dos meios de mobilização, equipamentos, logísticas e tática. Portanto, quando temos uma mudança tática aliada ao emprego de novas tecnologias teremos uma nova geração de guerra, o que não significa que não possamos encontrar características de gerações anteriores nas seguintes (Costa, 2016).

Sinteticamente, é possível identificar a primeira geração pelo ostensivo uso do contingente de massa, enquanto a segunda geração aprimorou a concentração do poder de fogo. A terceira focou na estratégia de manobra e a quarta caracteriza-se pela configuração dispare entre as forças adversárias.

A primeira geração se inicia também com a concepção de Guerra Moderna, que nasce com o Tratado de Vestfália no final da Guerra dos Trinta Anos e se estende até 1860. O ponto alto dessa geração foi a organização e mobilização de grandes exércitos em formação linear para confronto direto em campos de batalhas abertos. A distinção entre exército e civis era óbvia com vestimentas condizentes para a ocasião e um esforço para manter a ordem. O exemplo mais ilustrativo são as campanhas napoleônicas (Costa, 2016, p. 2; Lind, 1989, p. 23).

A Guerra dos Trinta anos mobilizou as populações em ojeriza ao fenômeno da guerra e o extenso número de mortos incitou a criação de contingentes focados para tal atividade. Profissionaliza-se a atividade da guerra e os combates são travados frontalmente, o que era custoso em termos de pessoal e aumentava a demanda de substituição do efetivo humano e

material para continuar a estrutura de avanço e conquista. Problemas começam a surgir entre a cultura ordenada dos militares e manutenção dessa mesma ordem no campo de batalha.

A segunda geração compreende os anos entre 1860 e a Primeira Guerra Mundial, onde são empregados o poder de fogo estático em resposta às grandes formações dos exércitos de massa nas formas de canhões e metralhadoras. O fuzil também aparece nesse período, em que o trabalho da tropa tem comando centralizado e ações sincronizadas com rígida disciplina (Lind, 1989, p. 24).

A mobilidade do poder de fogo começa a aparecer como uma vantagem na forma de automóveis fechados blindados e aviões para monitoramento e bombardeio, implementando uma nova fase. A terceira geração da guerra moderna tem como marca a *blitzkrieg*, que combinava o poder de fogo e velocidade para surpreender. Seu ponto focal é a logística que mantém o adversário a lutar, comprometendo sua integridade e permanência no campo de batalha. A combinação de forças terrestres e aéreas permitiu avanços e conquistas tanto das linhas defensivas inimigas quanto das de suprimento. As trincheiras ficam para trás e é um momento de contar com maior liberdade de ação da tropa para cumprir os objetivos da missão passada pelos superiores, que visam o objetivo da missão a todo custo (Costa, 2016; Lind, 1989, p. 24).

Na terceira geração, as batalhas ainda são entre exércitos de nações constituídas. A grande mudança está na quarta geração, onde se apresentam guerras travadas por agentes não-estatais obstinados em conquistar o poder violentamente para a implantação de um novo sistema que lhes favoreça. Engajam-se combatentes com potencial de força desproporcional entre si, como grupos terroristas e outras forças militares de diferentes matizes. A quarta geração abrange um extenso leque de possibilidades de combates: guerra psicológica, guerra econômica, guerra com armamento usual, guerra nuclear, guerra biológica, guerra cibernética e guerra química (Liang e Xiang, 1999, p. 205). Mesmo com uma vasta gama de opções, o essencial é atingir a credibilidade do oponente e sua moral, por isso a guerra psicológica é predominante. Daí surgem conceitos até hoje não consensuais na academia sobre guerra assimétrica e guerra irregular, mas que contemplam a tentativa de explicar os conflitos não-convencionais entre Estados e outros agentes políticos.

A mais recente geração da guerra tem o mundo virtual como campo de batalha e como arma ao mesmo tempo, sem renegar a segundo plano o domínio dos espaços do ar, mar e terra. Esses últimos passam a ser monitorados a distância por equipamentos não tripulados com auxílio da tecnologia de redes, armazenamento em nuvens e domínios múltiplos. O plano

cibernético e espacial sobressai, vislumbrando assim, conflitos pontuais que evitam uma guerra total e indicariam uma contramão da escalada de violência prevista após as Armas de Destruição em Massa (MAD). A possibilidade de travar batalhas em campos onde é possível limitar os acessos do grande público, como a internet e o espaço sideral, permite que uma guerra nesses moldes já tenha ocorrido e não tenha sido divulgada ao mundo.

Em resumo, enquanto a quarta geração desconfigura os opositores tradicionais no sistema internacional, a quinta geração se descola da raiz da escalada da violência. Nesse estágio a concentração de força é cirúrgica a fim de eliminar as forças do inimigo de inúmeros modos, principalmente, sua moral, sua imagem e credibilidade. Essa antiga estratégia teve sua potência revitalizada pelo alcance das redes sociais como arma de manipulação com foco em obter a desintegração política. Os ataques passam a ser culturais, religiosos, sempre denegrindo o modo de vida do inimigo e trazendo as diferenças em relevo para construir um inimigo além do campo militar. Quer dizer que a arma verdadeira são as ideias, as quais a tecnologia apenas amplifica.

3 Clausewitz e sua atemporalidade

Ao ingressar no Exército prussiano, Clausewitz trabalhou com o general Gerhard Scharnhorst (1755-1813), um conhecido reformador e consultor militar. Fora ele quem introduziu o jovem soldado a carreira literária com tarefas para elaborar críticas às estratégias do alemão Heinrich Dietrich von Bülow (1757-1807)² enquanto em guerra com a França. Clausewitz abraçava o pensamento da escola militar prussiana contrapondo-se aos pensadores militares franceses e suas fórmulas matemáticas de vitória. Os prussianos defendiam a importância da consideração dos aspectos psicológicos, morais e políticos no fenômeno da guerra, os quais impediam a previsibilidade e padronização dos conflitos. A partir dessa doutrinação, o jovem passou a ver a guerra como uma extensão da política e não como uma atividade autônoma (Paret, 1989, p. 9-10).

Clausewitz era visto como detentor de uma visão reducionista, superficial e limitada de um fenômeno humano e social que não pode ser previsto nem calculado. Recebeu muitas críticas e ainda recebe por esse mesmo motivo. Todavia, a adaptabilidade de sua teoria é inovadora, justamente, por teorizar de forma abstrata sobre um fenômeno tão complexo, o que lhe permitiu ser aplicado em uma gama muito vasta de conflitos de diferentes contextos. Sua

² Personalidade da época como intérprete das guerras napoleônicas.

capacidade de identificar as *personas* diretamente atuantes (povo, governo, forças armadas) e os campos sob sua esfera de influência dentro dos grupamentos humanos (paixão e violência; razão e político; gênio militar) foi o que o permitiu enxergar os condicionantes da guerra. Essa percepção das ramificações sociais envolvidas no conflito foi a chave que fez da sua teoria a base para compreendermos o fenômeno da guerra até os dias de hoje.

Os teóricos militares prussianos não aceitavam o estudo padronizado e previsível da guerra e inseriram em suas teorias estratégicas a importância da consideração dos aspectos psicológicos, morais e políticos na guerra, fatores que impediam a previsibilidade e padronização dos conflitos. Destacou-se entre os franceses Jomini³ (1779-1869) e entre os prussianos, Clausewitz.

Seu mais lido escrito “Da Guerra” (1976) não é um guia de regras para obtenção da vitória, mas um instrutivo norteador sobre a guerra. O livro discorre sobre a dificuldade de estabelecer parâmetros fixos sobre o fenômeno da guerra pela variação de formas e as transformações políticas na sociedade (Bassford, 1993). A chave compreensiva do autor está na variação, na certeza desta, como em todo fenômeno humano e social. Clausewitz rompe com o pensamento vigente de seu tempo, como o de Jomini, que versava sobre as leis da natureza para prever o comportamento em guerra com a precisão das ciências exatas.

Sinteticamente, o pensamento de Clausewitz em “Da Guerra” traz os seguintes aprendizados sobre o estudo do fenômeno:

1. Supremacia da política sobre a guerra.
2. Conceituação de guerra absoluta e de guerra real. A primeira apresenta-se como irreal e ideal do primeiro tipo de guerra, enquanto a segunda pode ser compreendida a partir da política.
3. A compreensão da esfera imaterial do conflito, baseado nas forças morais e valores subjetivos no desenrolar da guerra.
4. Adequação ao momento histórico e a localização geográfica, que delimitam as circunstâncias do conflito.
5. Trindade da guerra - constituição de três forças sempre presentes em todas as guerras: a violência; o acaso e da probabilidade; a subordinação e o governo
6. Dinâmica da defesa e ataque, onde a primeira se destaca como a melhor estratégia.

³ Jomini era pensador relevante a ser contextualizado no debate intelectual da época, mas vale ressaltar que seu objeto de estudo versava sobre as batalhas e não sobre a Guerra como Clausewitz.

4 Handel e o quarto pilar

Michael I. Handel (1942-2001) era especialista em teoria estratégica com doutorado pela Universidade de Harvard. Durante sete anos (1983-1990) foi professor de Assuntos de Segurança Nacional no Colégio de Guerra do Exército dos EUA e autor de vários livros sobre teoria e prática de guerra como *Masters of War: Sun Tzu, Clausewitz e Jomini (1992)*; *Inteligência e Operações Militares (1990)*. Foi um renomado pensador sobre a surpresa estratégica e metodologia da inteligência e antes de seu falecimento escreveu sobre a guerra de múltiplas frentes.

Em seu livro *Guerra, Estratégia e Inteligência (1989)*, Handel sugere que Clausewitz, se vivesse no século XX, teria inserido um quarto pilar à sua trindade: o pilar da tecnologia. Passando de trindade para um quadrilátero que assim daria conta do fenômeno da guerra moderna. Para ele, Clausewitz vivera numa época em que ainda era possível compreender a guerra por meio de simplificações, incorporando tudo sem ser superficial e podendo desmembrar o que era pertinente a cada uma das esferas envolvidas como a política, estratégia e a condução da guerra em si. Porém, a complexidade atingida dos dias atuais torna essa abstração mais difícil (Handel, 1989, p. 54).

Handel não desconsidera a contribuição de Clausewitz, que é sem precedentes até hoje. Enfatiza o esclarecimento da primazia do controle político sobre a guerra, bem como os papéis da fricção, incerteza e sorte. Apesar de ter vivido entre as duas grandes revoluções, a Francesa (1789-1799) e a Inglesa (1760-1850), viveu um período de muitas transformações entre 1780 e 1831, mas assimilou essas mudanças como reversíveis (Handel, 1989, p. 55).

Conforme visto nas diferentes gerações de guerra, Handel (1989, p. 56) percebe que cada alteração tecnológica causa uma reação em cadeia social, política, burocrática, gerencial e psicológica. Quando são muitas ocorrendo simultaneamente, há um aumento das incertezas envolvidas que moldam a guerra moderna e o campo de batalha do futuro. Clausewitz faleceu antes de ver os importantes impactos causados pelas ferrovias – o que deixou seu trabalho incompleto segundo Handel, o qual usa como exemplo o uso estratégico feito pelos alemães, que conseguiram maior mobilidade e afetaram toda uma cadeia decisória dos envolvidos no conflito.

Handel encara a tecnologia militar como “an autonomous force capable of influencing the shape of war in a decisive way” (Handel, 1989, p. 57). As tecnologias alteraram a dinâmica da guerra ao ponto de não mais se concentrarem no campo de batalha, mas na

preparação que antecede o conflito. O foco passa do soldado para o cientista; na indústria e em seu potencial frente a aplicação no campo de batalha.

Ao deslocar a importância de destruição do inimigo para o desenvolvimento de capacidades tecnológicas durante o período de paz – como forma inclusive de dissuadir o oponente a declarar guerra – o ponto central da destruição do inimigo apontado por Clausewitz perde importância. O espectro de participação da guerra se expandiu e a complexidade estendida aos diversos setores da sociedade envolvidos passa a não ser mais um conflito entre exércitos, mas entre indústrias, recursos e populações. As duas grandes guerras do século XX foram prova da proporção dessa extensão (Handel, 1989, p. 57-58). Handel não ignora a mudança como apresentada na teoria de Clausewitz, contudo, percebe a diferença de seu papel dentro daquela teoria como reversível. Enquanto hoje, a tecnologia já constitui parte naturalmente estabelecida e aderida ao fenômeno (Handel, 1989, p. 59).

O teórico americano, Handel, critica o clássico autor suíço por enfatizar sempre o político e o social, e ignorar a tecnologia – considerando a visível mudança que o canhão acarretou na guerra. Mesmo assim, a contribuição de Clausewitz foi ímpar dando conta do aspecto geral pelos apontamentos conceituais da incerteza e da fricção, além de elucidar a supremacia da política para conduzir a guerra de modo racional como eternamente válido (Handel, 1989, p. 59-60).

Apesar de todas essas contribuições, em todos os outros aspectos a tecnologia causou irreversíveis mudanças. A corrida armamentista é um bom exemplo de alteração da defesa e da ofensiva, onde as perspectivas de efeito surpresa vem a ser uma constante, deslocando atenção para as áreas de inteligência e ataques preventivos (Handel, 1989, p. 60). Outro ponto de discordância de Handel com Clausewitz trata da desconfiança para com a inteligência. Esse último prioriza o gênio militar frente a pouca confiabilidade das informações levantadas em sua época. Atualmente, o risco das informações de inteligência ainda pode ser duvidoso, mas a lógica do gênio militar já não é mais requerida e sim a de um general gestor, que consiga gerenciar e filtrar o fluxo intenso e extensivo de mensagens interceptadas para transformá-las em informações úteis ao comando (Handel, 1989, p.60).

Quanto à capacidade dos líderes, a tecnologia expandiu o conflito do campo de batalha para as sociedades civis, o que Handel aponta como uma mudança de natureza e na forma da guerra moderna (idem, p. 60). Creveld (1991) e Kaldor (2013) concordam com essa mudança em razão das características dos conflitos contemporâneos, também questionando a aplicabilidade de Clausewitz nos conflitos do início da década de 1990.

A tríade paradoxal de Clausewitz, segundo Handel, não é capaz de dar conta da moderna tecnologia militar que é um dos principais elementos da guerra contemporânea. Ela é uma redução do infinito número de variáveis e interações reduzidas a seus denominadores comuns em três elementos não materiais por natureza. A sugestão apontada por Handel é a inclusão de um quarto pilar, como uma quarta dimensão analítica à teoria clássica da trindade. Só então a clássica teoria de Clausewitz abarcaria o fenômeno das guerras modernas sem negligenciar os equipamentos e as armas. A defesa dessa recomendação se baseia na importância de se considerar as influências materiais nas esferas filosófica, psicológica, política, social e militar da guerra (Handel, 1989, p. 61-62). A tecnologia inseriu uma nova dimensão qualitativa ao multiplicar o potencial de força, o que por sua vez desequilibrou a lógica da vantagem quantitativa entre os adversários que Clausewitz dizia predominar (Handel, 1989, p. 62).

Quando aplicada a outras modalidades de guerra como a guerrilha e a guerra convencional, Clausewitz aponta a alternância de importância entre os elementos de sua trindade: pessoas para a primeira posição e as armas para a segunda. Entretanto, a preponderância de um dos elementos enfraquece a relação estabelecida pelo conjunto (Handel, 1989, p. 64).

A tecnologia mudou a dinâmica da guerra. A ferrovia, o avião e o motor à combustão alteraram a percepção de tempo e espaço. Seu impacto alterou também a relação entre atacante e defensor, bem como a demanda por inteligência. Esses novos instrumentos usados na guerra produziram novas problemáticas, doutrinas, estratégias militares e planejamento em torno delas. A grande mudança em mobilidade alterou o equilíbrio de forças da época de Clausewitz, que privilegiava a defesa. Na era moderna, a relação ofensiva ganha uma vantagem unilateral, já que o atacante pode decidir onde, quando e como atacar de modo a concentrar sua força. A inteligência aparece como um fator chave para descobrir a mobilização do adversário durante a preparação para a guerra (Handel, 1989, p. 64). Clausewitz via a inteligência como um conhecimento imperfeito, onde são produzidas muitas informações falsas e essa questão só foi agravada pelo avanço das comunicações. Quanto à fricção, Handel diz que ela não foi controlada, mas a inteligência tem papel preponderante para sua contenção. As informações levantadas ajudam a conter o fenômeno da surpresa estratégica pelo monitoramento dos adversários (Handel, 1989, p. 67-70).

5 Outras Questões de Clausewitz para a Quarta Geração da Guerra

Após a Guerra Fria, os conflitos se apresentaram de forma “polimorfa, subjetiva e abstrata” (Coutinho e Gomes, 2019, p.1), ultrapassando os limites do Estado e alterando a maneira de fazer a guerra. As Forças Armadas sofreram adaptações a esses novos paradigmas em que as tecnologias possibilitaram a redução do contingente humano no campo de batalha e espaçaram sua frequência. Com o estudo das diferentes fases evolutivas do conflito, autores como Mary Kaldor (2013) e Crevelde (1991) acreditam que Clausewitz – assim como Handel – já se tornou obsoleto diante das características dos novos conflitos e das transformações na essência da guerra. E há outros que ainda apreciam a inalterabilidade da teoria clássica. O argumento central dos críticos a Clausewitz diz respeito à mudança de natureza da guerra na quarta geração, alegando modificações em sua essência.

Mary Kaldor (2013) apresenta um pensamento interessante ao defender que as guerras passam por um novo momento, classificando-as como *novas guerras* por apresentarem novos atores, objetos, métodos e formas de financiamento. Esses novos conflitos não apresentam o Estado como detentor do monopólio da força, as batalhas são raras, não há conquista de território e a violência é empregada sobre civis. Um ponto de destaque é que elas são travadas em nome das identidades (Kaldor, 2013, p. 12).

Ao considerar tantas mudanças sobre o atual momento da guerra, Kaldor faz uma consideração importante ao dizer que os novos conflitos se desencadeiam com base em interesses particulares. Kaldor e Crevelde apontam que nem sempre os objetivos políticos estão claros. Essa afirmação é verdadeira, principalmente no pós-Guerra Fria, período da eclosão de conflitos em torno de questões étnicas, religiosas ou tribais que Kaldor foca. A autora (2013) apresenta uma concepção datada e esperada sobre a guerra, enquanto Clausewitz se preocupou em entender a essência do fenômeno, que ele admite ser mutável. Pensando em elucidar essa afirmação da autora à luz de Clausewitz – para o qual a guerra é a continuação da política por outros meios – vale trazer para reflexão o conceito de política conforme escrito em sua obra *On War* (1989, p. 607): “In no sense can the art of war ever be regarded as the preceptor of policy, and here we can only treat policy as representative of all interests of the community”. Assim, podemos concluir que Kaldor procurou fundamentar sua crítica ao autor sem conhecer seu principal conceito, o que inviabiliza o argumento da autora. Os conflitos de quarta geração são sim baseados no interesse político de comunidades organizadas, sendo ela representada por um Estado ou não. Em essência, dizer que os conflitos agora são travados

por razões de identidade é o mesmo que assumir que estes são por interesse político, considerando a definição de Clausewitz.

Crevelde (1991) vê a guerra atual como um *mélange* entre as diferentes gerações. Defende que houve mudança na natureza da guerra, no qual diversos grupos se reúnem em torno de diferentes motivações e causas sem deter em seu poder recursos sofisticados de um Estado, o que caracteriza um novo tipo de conflito onde os confrontos tendem a adentrar a esfera civil. O autor aponta ainda a problemática distinção do que vem a ser crimes comuns, terrorismo e guerra, conceitos que foram sendo aperfeiçoados pelo Direito Internacional, mas que com o advento dos novos fenômenos protagonizados por atores não-estatais são agora de difícil categorização. Van Crevelde prognosticou, em 1990, o fim do monopólio da violência depois da Guerra do Golfo, na qual a tecnologia sobressaiu e resultou numa Revolução dos Assuntos Militares. Vislumbrou que seria uma era de guerras de precisão e mostrou-se certo em sua previsão.

Aqui cabe uma reflexão: não seria importante considerar o impacto que a falta dos volumosos investimentos estatais teria na cadeia evolutiva da guerra? O monopólio da violência do Estado possibilitou os grandes aportes financeiros às pesquisas que desenvolveram os avanços tecnológicos. Então, se os investimentos em tecnologia são exacerbadamente caros e só conglomerados industriais demandados por seus Estados são capazes de conduzir projetos tão extensos e custosos, como serão as próximas gerações de guerra além da já imaginada cibernética? Ficarão estagnadas? Afinal, Clausewitz (1976, p. 75) descreve a guerra como sendo “nada mais do que um duelo em grande escala”.

Clausewitz (1989) não antecipou o contato entre os diferentes indivíduos pela tecnologia, de forma a estruturarem grupos transnacionais que poderiam se unir em torno de uma causa política comum e excluindo seus Estados. Porém em seu tempo, já havia grupos de guerrilha e guerras civis sem a presença de Estados Nacionais guerreando diretamente. Sua trindade, mesmo assim, pode ser aplicada no embate entre forças que não obedecem a nenhum rigor de formação militar regular e buscam a primazia de seus interesses particulares, por não deixarem de ter a intenção política. Elas continuam sendo contraditórias vontades travando um conflito até que uma domine a segunda.

A tecnologia é uma poderosa força de alteração das constantes do conflito, mas não de sua natureza. O próprio Clausewitz considera que toda guerra possui natureza imutável, podendo ter técnicas adaptáveis a seu tempo e espaço. Ele mesmo esclarece que “War is more than a true chameleon that slightly adapts its characteristics to the given case.” (Clausewitz,

1989, p. 89). O clássico autor é bem claro quanto a adaptabilidade do fenômeno da guerra, abrigando o que dizem os teóricos sobre a quarta geração, no que tange a alteração das características do conflito da era moderna. A percepção do autor está de acordo com a defesa feita pelos que consideram haver de fato uma nova configuração da guerra. Mas eles estão errados ao dizerem que a natureza ou a essência se alterou. Os objetivos políticos continuam a ser o guia das ações dos atores em meio a dinâmica de obrigar o outro a se submeter a interesses que não são seus próprios.

A miopia em relação ao fenômeno da guerra já havia sido alertada por Bernard Brodie (1949) em seu artigo "*Strategy as a Science*", ao apontar que a estratégia não estava recebendo a devida atenção entre os especialistas militares. Na verdade, a relação entre os meios (poder de força) e os fins buscados (objetivos políticos) realmente transcende a burocracia militar demandando uma percepção macro. A complexidade dessa demanda veio por justificar a criação do campo dos Estudos Estratégicos que é sua institucionalização acadêmica. Mesmo assim, é preciso cautela com modismos e a desconfigurações de conceitos consagrados, uma vez que suas implicações podem custar vidas humanas.

6 Considerações Finais: Clausewitz esqueceu da tecnologia? O quarto pilar sugerido por Handel é necessário?

A crítica de autores como Creveld e Kaldor tende a levar os menos familiarizados à discussão a acreditar que houve de fato uma modificação na essência da guerra, entretanto, é preciso distinguir pequenas alterações de forma e encaminhamento da guerra das mudanças fundamentais em sua natureza, enquanto um fenômeno ligado ao poder.

A teoria de Clausewitz é tão atual que comporta não só a mudança tecnológica, mas todas as apontadas pelos teóricos Handel e os da quarta geração ao prever a mudança como uma constância que não afeta os pilares por ele identificados na trindade imaterial da guerra. O mais difícil parece ter sido por ele alcançado, a compreensão da essência que se mantém ao longo do tempo e que torna seu pensamento um verdadeiro clássico.

Creio que o equívoco dos críticos à Clausewitz está no esquecimento da guerra como uma dinâmica praticada por um ser naturalmente social, como é o ser humano. Sendo assim, a guerra é acima de tudo uma relação dialética entre os atores, que se valem de meios para estabelecer contato entre si. Em sua descrição, Clausewitz coloca a guerra como tendo uma natureza conflitiva única, o que a difere de outras interações sociais como de amizade, casamento e maternidade. É preciso pensar que assim como a linguagem se aprimorou através

do tempo, a sua função de comunicação nunca deixou de acontecer mesmo com a alteração do meio. Tendo ela sido por carta, telefone, telégrafo, desenho, filme ou código morse.

A abordagem que os críticos estabeleceram problematiza as várias formas de contato e interação pelos quais a guerra se desdobra. Sendo que esse é o princípio de qualquer relação dialética: o duelo (Clausewitz, 1989, p. 75). Esse foi facilitado pelas tecnologias, que demandaram alterações complementares. Continuando com o exemplo da comunicação seria a infraestrutura dos correios e posteriormente a de cabos para a comunicação do telefone e do telégrafo.

Verificamos então, que a natureza do trato da disputa beligerante é única, porém a forma pela qual se estabelece essa relação é adaptável conforme a época, a distância, o convívio e o vínculo entre os atores. A tecnologia foi o fator externo que alterou a forma, mas não a essência da relação humana, logo também não do conflito bélico em si. Uma cena ilustrativa é logo a primeira do filme “Uma Odisseia no Espaço”⁴, cuja disputa entre os dois homens das cavernas é a mesma até os dias atuais. Ela mostra que ao bater no outro com a madeira, ao entrarem em disputa pelo pedaço de carne, a beligerância do ser social humano permanece inalterada mesmo diante da teoria evolutiva das espécies de Darwin (1859) e das gerações das guerras de Lind (1989).

O quarto pilar sugerido por Handel não se faz necessário. A teoria de Clausewitz se faz atual até o momento presente por sua capacidade de comportar mudanças ao longo do tempo e entender a verdadeira essência da guerra, que faz uso da tecnologia apenas como um meio e tem como fim um objetivo político. Mesmo que nos tempos atuais, a névoa da guerra fique cada vez mais densa e confusa, em meio a tantas narrativas falsas sendo difundidas e que dificultam o real entendimento dos objetivos políticos de cada ator.

Contudo, vale a reflexão sobre como a tecnologia tem distanciado os soldados do campo de batalha pelos novos equipamentos oferecendo maior precisão com formas de controle remoto. A promessa de maior eficácia tem atraído a violência da guerra para mais perto do espaço dos civis. Isso significa que os avanços tecnológicos estão realmente salvando mais vidas ao reduzirem o número de soldados? O número de baixas civis não deveria ser considerado nesse racional?

Há espaço para se questionar se o aprimoramento tecnológico tem deixado as populações de fato mais seguras diante das inovações bélicas, mas a verdade é que muitas vezes o debate fica reservado aos militares, ao invés dos cidadãos a quem eles buscam

⁴ Uma Odisseia no Espaço. Direção de Stanley Kubrick. 148 min. 1968.

proteger. Talvez precisemos debruçar esforços não sobre a guerra, mas a exemplo de Clausewitz, sobre as interações sociais e as ideias estabelecidas antes mesmo dos conflitos se iniciarem. Isso porque, talvez, em meio a tanta tecnologia, só estejamos exercendo uma criatividade que multiplica os modos de estarmos cada vez mais inseguros e reféns daqueles que operam esses aparatos tecnológicos, sejam eles militares ou não.

Referências

BASSFORD, Christopher. *Clausewitz in English: the reception of Clausewitz in Britain and America, 1815–1945*. New York: Oxford University Press, 1994.

BRODIE, Bernard. Strategy as a science. *World Politics*, v. 1, n. 4, p. 467-488, 1949.

CLAUSEWITZ, Carl von. *Da guerra*. Tradução de Maria Teresa Ramos. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

CLAUSEWITZ, Carl von. *On War*. Tradução de Michael Howard; Peter Paret. Princeton: Princeton University Press, 1989.

COSTA, C. R. A. Evolução da arte da guerra? Das gerações da guerra moderna aos conflitos assimétricos e a guerra de 5ª geração. *KUR'YT'YBA: Revista Científica do Colégio Militar de Curitiba*, 2016.

COUTINHO, Rachel Silva da Rocha; GOMES, Victor Leandro Chaves. Clausewitz e os conflitos irregulares: uma análise crítica. *Revista da Escola Superior de Guerra*, v. 31, n. 62, p. 171-183, 2019.
Disponível em: <https://revista.esg.br/index.php/revistadaesg/article/view/468>. Acesso em: 10 fev. 2020.

CREVELD, Martin van. *The transformation of war*. New York: Free Press, 1991.

FERRIS, John. Conventional power and contemporary warfare. In: BAYLIS, John et al. (org.). *Strategy in the contemporary world*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2007. p. 253-273.

HAMMES, Thomas X. A guerra de quarta geração evolui, a quinta emerge. *Military Review*, v. 87, n. 5, p. 1-15, 2007.

HANDEL, Michael I. *War, strategy and intelligence*. London: Frank Cass, 1989.

KALDOR, Mary. In defence of new wars. *Stability: International Journal of Security and Development*, v. 2, n. 1, p. 1-16, 2013.

LIANG, Qiao; XIANGSUI, Wang. *A guerra além dos limites: conjecturas sobre a guerra e a tática na era da globalização*. Beijing: PLA Literature and Arts Publishing House, 1999.

LIND, William S. et al. The changing face of war: into the fourth generation. *Marine Corps Gazette*, v. 73, n. 10, p. 22-26, 1989.

LOBATO, Lucas; KENKEL, Kai Michael. A ciberguerra é moderna! Uma investigação sobre a relação entre tecnologia e modernização na guerra. *Contexto Internacional*, v. 37, n. 2, p. 629-660, 2015.

MYNARD, Dilton. Considerações sobre a ciberguerra. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl (org.). *Por que a guerra?*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 467-488.

PARET, Peter. Clausewitz. In: PARET, Peter (org.). *Construtores da estratégia moderna*. v. 1. Rio de Janeiro: Bibliex, 2001.

RUIVO, Mariana Maia. *A guerra moderna e suas transformações: da 1ª geração à guerra cibernética e o impacto na segurança internacional*. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SCHUURMAN, Bart. Clausewitz e os estudiosos da “nova guerra”. *Military Review*, ed. brasileira, p. 1-15, set./out. 2011.

Recebido em 25 de fevereiro de 2025.

Aceito para publicação em 30 de abril de 2025.